

Crise leva à exoneração do presidente da Funai

Da sucursal de
BRASÍLIA

"Deixar a Funai representa acordar de um pesadelo" — este desabafo foi feito ontem pelo coronel Paulo Moreira Leal, ao anunciar o seu afastamento da presidência da Fundação, cargo que ocupou durante quase dois anos. Confessando-se cansado, em consequência das pressões dos índios xavantes, que no dia 23 de junho invadiram a sede da Funai pedindo o afastamento de 22 coronéis, Leal anunciou que agora vai "descansar e cuidar da vida particular". Ele negou que o pedido de exoneração tenha o objetivo de evitar desgastes na campanha presidencial do ministro do Interior, Mário Andreazza.

O coronel Leal não quis apontar nomes de responsáveis por sua saída, quando um jornalista perguntou se o afastamento estaria ligado à campanha aberta pelo deputado Mário Juruna e outros setores ligados à questão indígena contra sua administração. "Jamais afirmei que a invasão da Funai foi orquestrada por Mário Juruna — disse Leal. Mesmo se tivesse certeza disso, não faria este tipo de acusação, pois além de ele ser um deputado, é índio." Leal disse que estava deixando o cargo para não criar mais dificuldades para o governo, acentuando que, agora, o ministro Andreazza "poderá entregar o cargo para quem quiser".

Terceiro dirigente da Funai no governo Figueiredo, Leone ressaltou nunca ter pensado em acatar a reivindicação dos índios que queriam o afastamento de seus assessores militares, pois não trabalha sob pressão. "A Funai é um órgão atípico, pois consegue desagradar a todos ao mesmo tempo — prosseguiu. O problema será resolvido somente quando as pessoas se conscientizarem de que a questão indígena não é apenas responsabilidade da Funai, mas de todos."

O coronel acha que tirar a Funai do Ministério do Interior, um órgão voltado para o desenvolvimento regional, não resolve os problemas enfrentados atualmente pela fundação, que também vive uma crise financeira: ele pediu Cr\$ 1,5 bilhão para demarcar terras indígenas em 83, mas o governo liberou apenas Cr\$ 35 milhões.

Confessando-se "muito triste" e aparentando abatimento — alegou não conseguir dormir desde a invasão da Funai pelos xavantes —, o coronel disse que o índio é inocente "e muitas vezes usado como inocente útil, por pessoas interessadas em se autopromoverem".

ÍNDIOS PROTESTAM

Durante a entrevista, Leal recebeu a solidariedade de alguns índios, que pareciam chocados com a sua decisão. O cacique trucarramae Raoni entrou no gabinete do coronel, afirmando enfaticamente: "Estou muito triste com você. Estou bravo. Se vier outro pra cá e não for bom com o índio, a gente vai brigar". Outro índio mais aculturado, Itamarai, do grupo nhambiquara, disse: "Agora vou ter que me 'rebeliar' de novo".

Leal garantiu que não sofreu nenhum tipo de pressão do Ministério do Interior para deixar a Funai em função da campanha de Andreazza. "Quem sou eu para atrapalhar a ascensão de um candidato à Presidência da República?"

Antes do coronel Leal, presidiram a Funai, desde o início do governo Figueiredo, o engenheiro Ademar Ribeiro da Silva, que pediu demissão antes de completar um ano de administração, também alegando cansaço e pressões de fazendeiros; e o coronel José Carlos Nobre da Veiga, que antes trabalhou na Divisão de Segurança e Informação da Companhia Vale do Rio Doce. Os dois saíram desgastados do cargo, o que volta a acontecer agora.

"Não é fácil defender minorias dentro de uma democracia" — afirmou ontem o coronel Leal. "Os interesses são muitos, em função da grande demanda de terra existente no País. A Funai é criticada também porque dá muita terra aos índios, mas dependendo do grau de aculturação é preciso de muita terra e muitos não compreendem, isso."



Foto Sérgio Borges - Telefoto Estado

Leal dirigiu a Funai durante quase dois anos

Ex-superintendente é o sucessor de Leal

A presidência da Fundação Nacional do Índio está ocupada, desde ontem, pelo economista Octávio Ferreira Lima, de 36 anos, superintendente do órgão até outubro de 1981, quando o coronel Nobre da Veiga deu lugar ao coronel Paulo Moreira Leal. Ao analisar esta terceira substituição na presidência da Fundação durante a gestão do ministro Mário Andreazza, fontes do Ministério do Interior relacionaram três fatores principais: falta de apoio político; de apoio financeiro; e a oposição sistemática por parte de dirigentes do Ministério, entre os quais o coronel Décio Álvares da Cunha, diretor da Divisão de Segurança e Informações.

Ferreira Lima vinha assumindo o cargo de diretor-geral do Departamento de Administração do Ministério desde a saída de Nobre da Veiga. Da mesma maneira, o coronel Paulo Leal aceitou o convite para permanecer no Ministério, na direção dos órgãos colegiados da pasta, vinculada à secretaria-geral.

As mesmas fontes lembraram que a origem da divergência entre Paulo Leal e algumas autoridades do Ministério estava no fato de ele ter sido indicado pelo Conselho de Segurança Nacional, onde, durante dois anos, trabalhou ligado exatamente às questões indígenas. Leal teria tentado, e não conseguiu, fazer alterações na equipe que encontrou na Funai, onde 22 cargos importantes são ocupados por coronéis da reserva. Além disso, no começo deste ano, a verba liberada para a demarcação de terras não ultrapassou a marca de Cr\$ 35 milhões, o que praticamente tornou inviável o programa do setor.

Ao comentar a substituição, o deputado Sebastião Curilo (PDS-PA), lembrou que "quando fui para Serra Pelada, levei engenheiros de minas e

geólogos", numa alusão à necessidade de que os departamentos da Fundação sejam dirigidos por especialistas nos problemas indígenas.

PEDIDO ANTIGO

O Conselho Indigenista Missionário — Cimi — divulgou nota, ontem, afirmando que os missionários já defendiam há algum tempo, a exoneração do presidente da Funai por várias razões: "Divisões provocadas pela Funai entre grupos tribais que levaram a assassinatos de índios, como ocorreu entre os pataxós e os caingangues; transformação da tutela em custódia; abuso de autoridade e suborno de lideranças indígenas, como é o caso dos índios saracura e nailton, ambos pataxós, que receberam uma promessa do presidente da Funai de ganharem uma fazenda em troca de seu silêncio na defesa do seu povo".

"O coronel Leal, que assumiu a Funai se declarando 'leal' para com os índios, acabou sendo desleal com eles e infiel ao seu dever de tutor — acusou o Cimi. O ministro do Interior, que 'aceitou' a demissão do coronel atendeu, assim, ao pedido das entidades indigenistas e, sobretudo, ao pedido dos índios do Norte e do Sul do País: o seu afastamento ainda não é justiça para com os povos indígenas; é apenas alívio."

Ao defender um novo presidente para a Funai, que "ame realmente os povos indígenas", o Cimi lança suspeitas sobre o nome indicado pelo ministro Andreazza para o cargo, Otávio Pereira Lima: "Os índios têm péssimas lembranças dele — acentua o Cimi. Um civil teleguiado pelos coronéis não vai poder solucionar os problemas criados e deixados pelo coronel Leal".